Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

MAPA DE ORIGENS GEOGRÁFICAS COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA PARA DESCONSTRUÇÃO DE PRECONCEITOS REGIONAIS

Edvaldo dos Santos Junior
s.edvaldojunior@gmail.com

Graduado em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professor da Rede Estadual de Educação de São Paulo/SP.

Isabelle Salazar Vieira Alves
isabellesalazargeo@gmail.com

Graduada em Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e mestranda em Geografia pela Unicamp.

Felipe Lopes D'Attoma
flopesdattoma@gmail.com

Graduado em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professor da Rede Municipal de Educação de Cajamar/SP.

RESUMO

O Brasil, país de extensão continental e grande diversidade cultural, social, econômica e ambiental, é marcado por preconceitos, como xenofobia, racismo, homofobia e machismo. Percebe-se que existem contextos escolares que resultam em relações sociais e afetivas desiguais entre alunos, devido a sua origem e a da família. A presente prática pedagógica busca construir noções conjuntas sobre formação socioespacial e a valorização das diferenças. Com o objetivo de amenizar e propor um conjunto de reflexões sobre as histórias familiares, a partir do arcabouço da linguagem geográfica, pensou-se em uma atividade, chamada de Mapas de Origens Geográficas, na qual os estudantes deveriam descobrir as origens de seus familiares, com sensibilização para a desconstrução de preconceitos e valorização das diferenças socioespaciais. Também foi realizada uma roda de conversa, para que fossem expostos e discutidos os objetivos propostos. A prática pedagógica apresentou resultados satisfatórios para a discussão com os discentes de temas relacionados ao respeito às diversidades, às culturas locais e regionais. Também corroborou com a hipótese inicialmente formulada de que as origens geográficas das crianças e seus familiares eram diversificadas regionalmente. Portanto, a atividade auxiliou no desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos em relação ao senso-comum, melhorando a autoestima pois muitos se sentiam excluídos e inferiorizados em decorrência de sua origem.

PALAVRAS-CHAVE

Região, Divisão institucional, Formação socioespacial, Conflitos, Diferenças

MAP OF GEOGRAPHIC ORIGINS AS A METHODOLOGICAL STRATEGY FOR THE DECONSTRUCTION OF REGIONAL PREJUDICES

ABSTRACT

Brazil, a country of continental extension and great cultural, social, economic and environmental diversity, is marked by prejudices such as xenophobia, racism, homophobia and machismo. It is perceived that there are school contexts that result in unequal social and affective relationships between students, due to their origin and family. The present pedagogical practice seeks to build joint notions on socio-spatial formation and the appreciation of differences. In order to soften and propose a set of reflections on family histories, based on the framework of geographic language, it was thought an activity, called Maps of Geographical Origins, in which students should discover the origins of their families, with awareness of the deconstruction of prejudices and appreciation of socio-spatial differences. A conversation wheel was also held to expose and discuss the proposed objectives. The pedagogical practice presented satisfactory results for the students of themes related to respect for diversities, local and regional cultures. It also corroborated the hypothesis initially formulated that the geographical origins of children and their families were regionally diverse. Therefore, the activity helped in the development of critical thinking of students in relation to common sense, improving their self-esteem because many of them felt excluded and inferior due to their origin.

KEYWORDS

Region, Institutional division, Socio-spatial formation, Conflicts, Differences

Introdução

A definição de região adotada pelo Estado brasileiro, elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) se baseia em princípios institucionais, que levam em conta aspectos socioeconômicos e estatísticos do território, visando a resolução de problemáticas político-administrativas e que guardam em si escolhas relacionadas a jogos de poder e projetos de Estado (CONTEL, 2014).

A região, uma divisão institucional, não expressa uma realidade e resulta de um processo histórico iniciado durante o período colonial no Brasil (OLIVEIRA, 1981). A discriminação em torno de populações fora do Sudeste, construída à partir do ideário de apropriação do colonizador português, é hoje reforçada nas ações cotidianas e pelas mídias televisivas e digitais, como telejornais, novelas, folhetins e outras produções, que reproduzem estereótipos relacionados às características físicas e culturais dessas pessoas (PENNA, 1992).

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017) do Ensino Fundamental prevê para o sexto ano, a abordagem temática "O sujeito e o seu lugar no mundo", como integrante do objeto de conhecimento: identidade sociocultural. No entanto, a proposta contida na base, imposta verticalmente, não substitui as experiências reais de interação cotidiana entre professores e educandos. O processo de ensino-aprendizagem não se realiza por uma simples especificação de conteúdos curriculares, mas a partir das situações escolares e das experiências delas decorrentes (SACRISTÁN, 1995).

Considerando o contexto exposto até aqui e a discussão de Oliveira Jr. (2011), segundo o qual os processos educativos apresentam potencialidades e singularidades, o presente trabalho tem como objetivos mostrar os resultados da realização de uma atividade que discute os preconceitos existentes nas diversas regiões do Brasil resgatando, portanto, a história familiar individual e construindo uma visão coletiva a respeito dos preconceitos, das particularidades culturais e das desigualdades socioespaciais entre as regiões.

Percebe-se que existem contextos escolares que resultam em relações sociais e afetivas desiguais entre alunos, devido a sua origem e a da família. Visando amenizar e propor um conjunto de reflexões sobre as histórias familiares, a partir do arcabouço da linguagem geográfica, pensou-se em uma atividade, chamada de Mapas de Origens Geográficas, na qual os estudantes deveriam descobrir as origens de seus familiares, com sensibilização para a desconstrução de preconceitos e a valorização das diferenças socioespaciais.

O trabalho foi realizado em sete salas do sexto ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal José de Anchieta, localizada no município de Sumaré, interior do estado de São Paulo.

A formação socioespacial do estado de São Paulo tem como grande contribuição o intenso fluxo de migrantes provenientes de diversas regiões do país. Entre as décadas de 1970 e 1990, a ação que impulsionou esse movimento esteve relacionada à mobilização de força de trabalho para acompanhar as necessidades do capital (GAUDEMAR, 2006). Esse processo e a interiorização das indústrias, fez com que ocorresse um direcionamento do fluxo migratório para as cidades do interior paulista (CANO, 2008).

Dessa forma, é de extrema relevância o assunto acerca de migrações nas histórias familiares e/ou cotidianas dos alunos da Escola Municipal José de Anchieta, visto que esta se encontra em uma cidade do interior paulista, Sumaré, que por se

localizar no eixo da rodovia Anhanguera recebeu muitas indústrias no período supracitado e, consequentemente, grande fluxo migratório.

Portanto, permitir aos alunos que conheçam as origens de seus antepassados, mostrando que fazem parte de outras regiões do país, com suas particularidades culturais, é capaz de sensibilizá-los, fazendo com que percebam que toda diferença deve ser respeitada.

Procedimentos metodológicos

O processo de consciência pela internalização para Vygotski (1991) se dá por meio de instrumentos socioculturais que levam ao processo de desenvolvimento através do papel mediador da linguagem, entendido como as possibilidades de aprendizagem que influenciam no desempenho do desenvolvimento mental. O estudante será capaz, portanto, de refletir sobre o mundo e atuar nele, por meio das relações dos indivíduos com o meio social (CAVALCANTI, 2005).

Segundo Vasconcelos (1999), para que se tenha um bom processo de aprendizagem é preciso uma carga de afetividade com aquilo que está sendo estudado. Com base nisso, pensou-se na realização da atividade envolvendo alunos e suas histórias particulares e coletivas, com a mediação de professores, favorecendo a desconstrução de preconceitos socialmente produzidos, por meio da valorização cultural e do respeito ao próximo.

Com fundamento em uma perspectiva histórico-cultural, foi proposto aos alunos que preenchessem as lacunas de uma árvore genealógica, aqui chamada de Mapa das Origens Geográficas (FIGURA 1). Os estudantes foram convidados a completar com informações do município e/ou unidades da federação de onde vieram seus familiares. Posteriormente, foi solicitado que fizessem uma breve pesquisa com a finalidade de levantar os motivos que levaram seus antepassados a deixarem o lugar de origem.

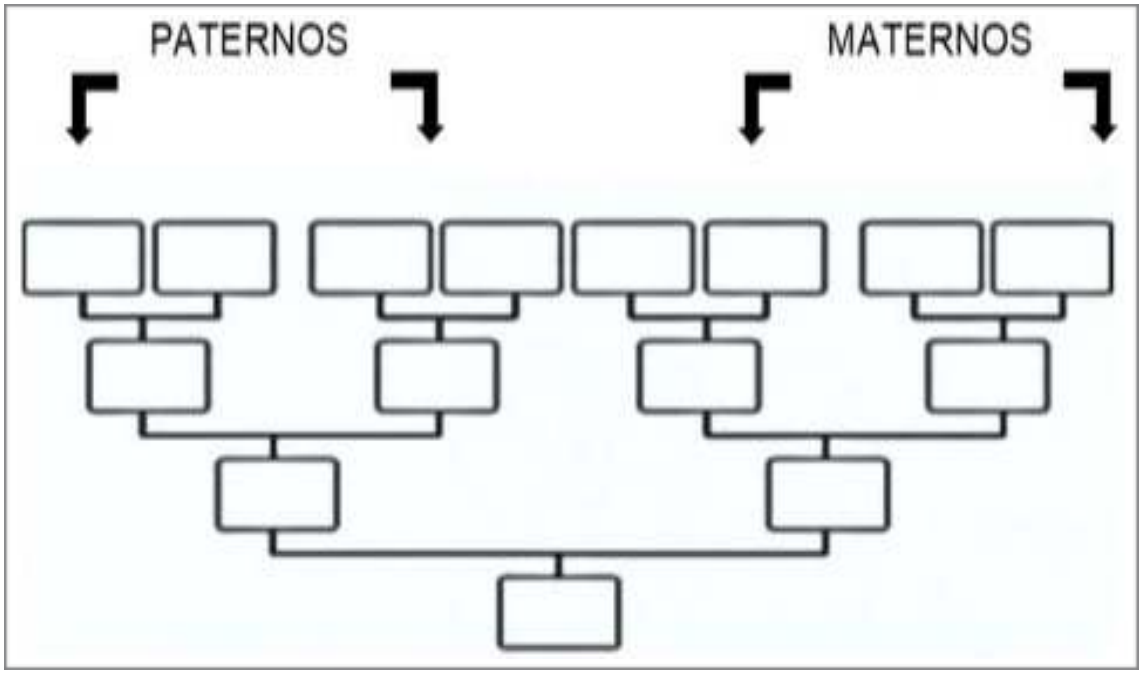


Figura 1 - Modelo do Mapa das Origens Geográficas.
Fonte: Elaboração própria (2019).

Após a realização da atividade, os alunos e professores foram organizados no interior das respectivas salas de aula, numa roda de conversa, em que sentados em círculo, puderam ter uma melhor visualização dos trabalhos feitos, potencializando a socialização dos estudantes.

A atividade possibilitou aos educandos ouvir as histórias que os demais trouxeram a respeito de suas famílias e, a partir disso, foi possível mediar a discussão de modo a construir ideias, valorizando e respeitando as diferenças socioculturais. Foi utilizado o Atlas Geográfico Melhoramentos (WEISZFLOG, 2002), para que se pudesse melhorar a visualização dos estados e cidades de onde vieram os seus familiares e os dos colegas de classe.

Portanto, pensar no processo de ensino-aprendizagem numa perspectiva histórico-cultural, isto é, concebendo o desenvolvimento dos indivíduos como sendo parte de uma construção que se dá por meio de relações sociais, possibilita a ascensão de conceitos cotidianos para conceitos sistematizados (VYGOTSKI, 1991; CAVALCANTI, 2005).

Resultados e discussões

Após a aplicação do Mapa de Origens Geográficas constatou-se, conforme a Tabela 1, que existe uma grande diversidade quanto a origem dos familiares dos alunos. Os dados obtidos pela sondagem inicial mostram uma grande proporção de migrantes de outras unidades da federação, sobretudo do estado de Minas Gerais. Os dados da tabela abaixo sugerem que há maior proporção de avós e de pais migrantes, na comparação com os alunos, nascidos predominantemente no estado de São Paulo.

Tabela 1: Relação das origens dos alunos e seus familiares

Unidades da Federação e outros	Bisavós	Avós	Pais	Alunos
Acre	1	-	-	-
Amapá	2	-	-	-
Paraíba	26	10	4	2
Ceará	20	8	2	-
Alagoas	23	8	2	1
São Paulo	304	212	167	104
Pernambuco	57	28	5	-
Minas Gerais	209	82	21	3
Bahia	73	28	7	1
Espírito Santo	9	5	2	-
Sergipe	9	4	1	-
Santa Catarina	-	1	-	-
Rio de Janeiro	8	-	-	-
Distrito Federal	1	-	-	-
Rio Grande do Norte	13	7	2	-
Rio Grande do Sul	4	2	1	-
Roraima	1	-	-	-
Paraná	51	46	15	-
Piauí	5	1	-	-
Tocantins	2	-	4	-
Maranhão	19	11	3	1

Mato Grosso do Sul	5	2	1	-
Goiás	4	2	1	1
Pará	4	3	1	1
Mato Grosso	9	4	1	-
Indígenas	5	-	-	-
Não sabem	31	19	3	1

Org.: Elaboração própria (2019).

A análise dos resultados da sondagem inicial, mostrados na Tabela 1, permitiu confirmar a hipótese de que os estudantes da Escola Municipal José de Anchieta, frequentemente tem suas origens e as de seus familiares em outras unidades da federação, ressaltando a diversidade cultural presente na unidade escolar.

A observação dos números da tabela sugerem que a migração dos avós e pais dos estudantes esteja relacionada ao grande fluxo migratório dos anos 1970 para o estado de São Paulo (CANO, 2008). Foi constatado que grande parte dos bisavós vêm da região Sudeste, principalmente, do estado de Minas Gerais, seguido da região Nordeste e Sul. Quando observados os dados dos avós, percebe-se que são parecidos, porém, numa quantidade menor. No entanto, quando analisados os dados dos pais, tem-se que a maioria é proveniente da região Sudeste, sobretudo dos estados de São Paulo e Minas Gerais. A distribuição espacial da região de origem dos membros dos seus bisavós, avós e pais está representada no mapa abaixo (Figura 1), para que seja possível uma melhor visualização dos dados disponibilizados na Tabela 1.



Figura 1 - Mapa de distribuição espacial dos integrantes dos grupos familiares dos estudantes e seus avós e bisavós.
Fonte: Elaboração própria (2020).

Após a exibição dos dados da Tabela 1 aos educandos houve participação de modo ativo durante a roda de conversa subsequente, o que possibilitou, em conjunto, a construção de novos conhecimentos e a desconstrução de formas de pensamento discriminatórios.

As histórias de vida trazidas pelos alunos foram repletas de emoção. Histórias de famílias que sofreram com a fome na Bahia, em Pernambuco e Minas Gerais devido à falta de opção no lugar de origem. As famílias foram, de certo modo, compulsoriamente obrigadas a vender suas mãos de obra nas cidades paulistas. Os relatos trouxeram elementos a respeito das condições encontradas no estado de São Paulo pelos migrantes

que, muitas vezes, foram também precárias, a exemplo dos casos de salários achatados, submoradias e violência.

Importante ressaltar que a violência não apenas se expressa na forma de assaltos ou furtos, como é mais frequentemente retratada, mas também no modo discriminatório como os migrantes são tratados. Por exemplo, uma aluna chegou a se emocionar ao relatar histórias de preconceitos que havia sofrido por ser mineira; outro estudante relatou ter sofrido ameaças de morte por ser maranhense; e um terceiro, relatou que apanhava na escola, conforme o relato abaixo:

> Quando eu vim pra cá, pra São Paulo. Eu vim do Maranhão. Quando eu entrei na escola os meninos ficaram me zoando, dizendo que eu não era desse planeta, eu era de outro planeta porque eu falava diferente. E toda vez, eu só ficava apanhando na escola, falava para a Diretora, mas nada acontecia. Não adiantava nada (Aluno, 6º ano, 11 anos, 2019).

A surpresa dos estudantes ao descobrirem que seus antepassados vieram das mais diversas regiões do país, com o intuito de melhorarem de vida, auxiliou para que os alunos compreendessem a importância dos migrantes para a formação do estado de São Paulo, que só foi possível devido a muito esforço, com histórias de vida que merecem ser respeitadas.

A transversalidade de conteúdos possibilitou avançar no reconhecimento das diferenças socioespaciais e culturais, além de ter suscitado reflexões acerca da valorização e respeito à diversidade. Os educandos se manifestaram indignados depois da exposição dos preconceitos, até aqueles que nunca os sofreram diretamente, discursando em prol da diversidade cultural, fato que emocionou e reforçou a função do professor como mediador na relação aluno-objeto de conhecimento-realidade (VASCONCELOS, 1999).

Além disso, realçou o papel da linguagem na construção social do conhecimento em sala de aula. Desse modo, a utilização da linguagem cartográfica e a reflexão em conjunto a partir dos mapas gerados pelos alunos, segundo a perspectiva da linguagem geográfica, contribuiu para a reformulação de ideias pré-estabelecidas.

A socialização das atividades entre os alunos possibilitou um real desenvolvimento coletivo, entendido por Vygotsky (1991) como sendo passível de ocorrer na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Na ZDP há a valorização dos conhecimentos que os alunos já têm em busca de, coletivamente, ressignificá-los em

direção às finalidades pedagógicas as quais a atividade se propôs a alcançar, que é o desenvolvimento de pessoas solidárias e cidadãs (id., 1991).

Considerações Finais

Humanizar com os alunos em sala de aula as relações entre as populações e o território possibilitou reconstruir as histórias dos familiares, resgatando historicamente as trajetórias de vida dos estudantes e, assim, possibilitando ressignificar suas estórias-até-agora (MASSEY, 2008).

Dessa forma, foi possível chegar aos objetivos propostos de desenvolvimento de pensamento crítico sobre as histórias familiares, a partir do arcabouço da linguagem geográfica, construindo noções conjuntas sobre formação socioespacial e a valorização das diferenças.

A atividade permitiu o combate a uma mentalidade difundida popularmente da realidade da formação territorial do Brasil, estática e errônea, segundo a qual os migrantes são hostilizados. A dinâmica realizada com estudantes dos sextos anos do ensino fundamental II mostrou relações das famílias com a cultura e, consequentemente, implicações ao cotidiano dentro e fora da escola. As origens espaciais das crianças e seus familiares estão atreladas a diferentes identidades culturais, locais e regionais.

O debate acerca do respeito às diferenças, que foi realizado na experiência aqui relatada é uma possibilidade que pode ser aberta pela prática pedagógica. A presente prática mostra a importância do papel mediador do professor durante o processo de ensino-aprendizagem (VYGOTSKI, 1991).

O trabalho no sentido de desconstruir e combater preconceitos é dever dos educadores e educadoras, além de ser respaldado pela Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996), que garante, entre outras diretrizes a formação do indivíduo para o exercício da cidadania além de garantir os ideais da solidariedade humana.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília, DF, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Data de acesso: 10/04/2019.

CANO, W. **Desconcentração produtiva regional do Brasil 1970-2005**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Unesp, 2008.

CONTEL, F. B. As divisões regionais do IBGE no século XX (1942, 1970 e 1990). **Terra Brasilis** (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, n. 3, 2014.

CAVALCANTI, L. de S. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 185-207, 2005.

GAUDEMAR, J. P. **Mobilidade do Trabalho e Acumulação capitalista**. Lisboa, Editora Estampa Ltda, 1977.

MASSEY, D. **Pelo espaço:** uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA, F. **Elegia para uma re(li)gião**: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes. 4ª Edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. 132 p.

OLIVEIRA JR, W. M. de. A educação visual dos mapas. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, p. 1-20, 2011.

PENNA, Maura. 1992.**O que faz ser nordestino**. Identidades sociais, interesses e o 'escândalo' Erundina. São Paulo: Cortez.

SACRISTÁN, G. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, T. T., MOREIRA, A. F. (Orgs.). **Territórios contestados.** Petrópolis: Vozes, 1995.

VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991

WEISZFLOG, W. **Atlas Geográfico Melhoramentos**. Editora Melhoramentos. São Paulo, 2002.

Recebido em 30 de outubro de 2019.

Aceito para publicação em 14 de junho de 2020.